

Música e Linguagem, número 1.

Promover o diálogo entre o pensamento sobre a música e todo e qualquer pensamento que tem como paradigma a linguagem e a arte. Em uma primeira vertente, esse diálogo aproxima pensamentos aparentemente distantes – música e psicanálise, uma dicotomia heterodoxa proposta pelo psicanalista e dramaturgo Antonio Quinet que, em último caso, revela um aprofundamento na ortodoxia de uma pensamento ávido de ser explorado em nosso tempo, a psicanálise. Não obstante, em seu artigo “Psicanálise e Música: reflexões sobre o inconsciente equívoco”, o autor, partindo da concepção lacaniana da “lalíngua”, oferece um conceito original de música; esta, vista em si mesma, como expressão da equivocidade do inconsciente.

Em uma segunda vertente o diálogo norteador da revista está imbricado no que, correntemente, denominamos por linhas de pesquisa em música; entenda-se: música e pedagogia, música e história, música e sociologia...assim por diante. No artigo “Quinta paralela não pode”, Daniel Lemos Cerqueira e Guilherme Augusto de Ávila refletem sobre o dilema que caracteriza as práticas de ensino de harmonia e contraponto nas escolas de ensino formal de música, qual seja: orientar-se por regras ou princípios? Eis um ângulo de indagações que concorrem para o aprofundamento da compreensão das diferenças entre as pedagogias centradas no sujeito, de um lado, e no repertório canônico, por outro.

“A formação pedagógica musical na visão interdisciplinar.” O artigo de Simone Braga oferece um panorama consistente das principais ideias decorrentes das discussões em torno do tema da interdisciplinaridade no ensino da música, sob a perspectiva de que esse conceito espelha uma prática que tenta inverter a lógica fragmentadora de concepção do conhecimento.

A linha Estruturação Musical e Linguagem está representada pelo artigo “Os Poemas Opus 69 para Piano de Scriabin”, de Ernesto Hartmann. Mais do que um olhar sobre a obra e o compositor, o autor realiza uma abordagem madura e instrumentada dos problemas que circundam o tema da unidade nas obras musicais.

De Kristina Augustin, “Os Castrati: visão holística da prática da castração na música”. A construção da representação histórica a partir de uma análise abrangente, detalhada e fundamentada da prática que marcou a música vocal dos séculos XVI ao XIX. Nesse artigo, que inaugura uma série de cinco, a castração com finalidade musical é focalizada como um fenômeno que, em seu tempo, se sobrepunha em valor aos demais aspectos da vida social.

O Editor.